



MINIMANUAL DO JORNALISMO HUMANIZADO

Parte VII:
**Jornalismo
Esportivo**

A ONG THINK OLGA LANÇA MANUAL ONLINE, EM FORMATO POCKET, COM CONJUNTO DE REGRAS BÁSICAS PARA EVITAR ERROS CLÁSSICOS NA ABORDAGEM DE NOTÍCIAS RELACIONADAS A GRUPOS MINORIZADOS.

ESTA SÉTIMA PARTE, ESCRITA PELA OLGA BAGATINI, JORNALISTA FOCADA NA COBERTURA ESPORTIVA HÁ 4 ANOS E JOGADORA DE BASQUETE, DO MINIMANUAL DE JORNALISMO HUMANIZADO PRETENDE FORNECER AOS PROFISSIONAIS DE COMUNICAÇÃO FERRAMENTAS BÁSICAS PARA UMA REDAÇÃO LIMPA DE SEXISMO, QUE NÃO OBJETIFIQUE AS ATLETAS E LIVRE DE COMENTÁRIOS E ABORDAGENS MACHISTAS, APONTANDO ERROS COMETIDOS NA COBERTURA SOBRE A MULHER NO ESPORTE.

INTRODUÇÃO

Apenas 3% do noticiário esportivo é voltado para a cobertura de atletas e competições femininas, segundo pesquisa da Women's Sports Foudation. No Brasil, um levantamento feito pela Gênero e Número analisou pouco mais de 24 horas da programação esportiva e mostrou que apenas 12% desse tempo, um total de 2 horas e 55 minutos, foi dedicado às atletas mulheres. Em outra pesquisa sobre a cobertura jornalística no esporte, o Monitoramento Global de Mídia avaliou 18 mil notícias esportivas publicadas em 23 países, incluindo o Brasil, e avaliou que 85% das matérias eram sobre atletas e modalidades masculinas. Apenas 9% sobre atletas e modalidades femininas, enquanto os outros 6% não tratavam especificamente de nenhum gênero.

A explicação para a desproporção gira em torno da suposta falta

de público. Os veículos alegam que o esporte feminino não tem audiência e, por isso, tem menos cobertura. Por consequência, tem menos visibilidade e patrocínio, o que gera desigualdade na remuneração e no desenvolvimento de mulheres e homens que desempenham a mesma função.

Mas isso não é verdade. Alguns números, contestam a tese de que não há interesse por esportes praticado por mulheres. É o caso do futebol, modalidade mais popular do Brasil. Um levantamento feito pelo Kantar Ibope Media, mostrou que 22,5 milhões de pessoas assistiram a partida do futebol feminino Brasil e Austrália, pelas quartas de final da Olimpíada do Rio de Janeiro. A partida foi o quarto evento dos Jogos mais visto pela TV brasileira, atrás apenas das cerimônias de abertura e encerramento do evento e da final

do futebol masculino. O duelo da seleção feminina com a África do Sul, pela fase de grupos, também entrou no top 10, com 18,7 milhões de telespectadores.

Após as Olimpíadas de 2016, o interesse pelo futebol feminino cresceu. Prova disso aconteceu no Campeonato Brasileiro Feminino de 2017. A semifinal entre o Iranduba FC, do Amazonas, e o Santos FC (mais comumente conhecido como Sereias da Vila), por exemplo, levou 25.371 pessoas à Arena da Amazônia, superando em muito a média da Série A masculina de 15.975 torcedores por jogo.

E não foi só na Amazônia que o futebol feminino conquistou espaço. As Sereias, que decidiram a taça do campeonato nacional com o Corinthians, levaram cerca de 15 mil torcedores à decisão na Vila Belmiro, no litoral paulista, número superior ao maior público

do time masculino do Santos no estádio em 2017, que foi no jogo contra o The Strongest, time da Bolívia, pela Libertadores, que contou com 13.132 santistas.

Tudo isso mostra que há sim audiência para o esporte praticado pelas mulheres. Mas, para atrair ainda mais fãs, contudo, é necessário que os veículos tradicionais invistam na cobertura da modalidade. Em maio de 2016, por exemplo, o time feminino do Athletic Bilbao, que se sagrou campeão espanhol, teve que cancelar uma coletiva de imprensa depois que nenhum jornalista compareceu. Sem investimento, não há como combater as disparidades históricas que fazem do mundo esportivo um lugar ocupado majoritariamente por homens.

TRATAMENTO ÀS ATLETAS MULHERES

Além de terem bem menos espaço do que os homens na mídia tradicional, as atletas ainda precisam disputar manchetes com matérias que destacam seus atributos físicos, sexualizam seus corpos e abordam temas que fogem às questões esportivas e caem no âmbito da vida pessoal das atletas, como rotina de beleza, dieta e maternidade. Conteúdos que reforçam estereótipos e desvalorizam o esporte feminino.

Cabe aos veículos e jornalistas dar mais espaço às atletas mulheres, mas com matérias que respeitem o esporte feminino e ajudem a diminuir a desigualdade de gênero no esporte. Não é à toa que falamos isso. Um estudo da Universidade Cambridge de 2016 mostrou que, na mídia esportiva, as palavras mais associadas às mulheres na língua inglesa são “mais velha”, “grávida”, “casada” e “solteira”. Enquanto isso, as referências aos homens eram acompanhadas de adjetivos como “forte”, “rápido”, “grande” e “incrível”.

Em termos de rendimento, homens são associados a termos como “vencer”, “dominar”, “derrotar” e “batalhar”, enquanto mulheres estão vinculadas a palavras como “competir” e “participar”. A pesquisa usou uma base de dados de mais de 160 milhões de palavras usadas nos veículos esportivos e nas redes sociais.

1 ATLETAS SÃO PROFISSIONAIS, NÃO MUSAS

A imposição do rótulo de “musa” às atletas é um hábito da mídia esportiva tradicional que desvaloriza muito o esporte feminino. As mulheres já precisam lutar com a falta de espaço e de oportunidades. Quando conseguem notabilidade, não podem ser vistas como meros corpos para apreciação masculina.

Musa do salto ornamental publica foto da bunda e gera polêmica nas redes sociais

[HTTP://WPC.LIBRBS.COM.BR/FARROUPILHA/2015/07/10/MUSA-DO-SALTO-ORNAMENTAL-PUBLICA-FOTO-DA-BUNDA-E-GERA-POLEMICA-NAS-REDES-SOCIAIS](http://wpc.librbs.com.br/farroupilha/2015/07/10/musa-do-salto-ornamental-publica-foto-da-bunda-e-gera-polemica-nas-redes-sociais)

Um dos casos mais conhecidos é o da saltadora brasileira Ingrid Oliveira. Ela passou a ser chamada de musa pela imprensa após publicar uma foto de maiô - seu uniforme de trabalho -, para divulgar a disputa do Pan-Americano de 2015. A foto recebeu uma enxurrada de comentários machistas e grosseiros, o que gerou repercussão na imprensa. Foi o suficiente para Ingrid ser “musicada”.

Ingrid raramente é chamada pelo nome nas manchetes das matérias, o que a minimiza como profissional, mulher e ser humano. A saltadora já rebateu o rótulo e disse que ele ofusca seu lado como atleta, mas a mídia continua se referindo a ela como “musa” e reproduzindo galerias com fotos e legendas que objetificam seu corpo.

Ingrid Oliveira refuta rótulo de musa: 'Isso ofusca meu lado como atleta'

[HTTP://ESPORTES.ESTADAO.COM.BR/NOTICIAS/JOGOS-OLIMPICOS,INGRID-OLIVEIRA-REFUTA-ROTULO-DE-MUSA-ISSO-OFUSCA-MEU-LADO-COMO-ATLETA,1000068052](http://esportes.estadao.com.br/noticias/jogos-olimpicos,ingrid-oliveira-refuta-rotulo-de-musa-isso-ofusca-meu-lado-como-atleta,1000068052)

1 ATLETAS SÃO PROFISSIONAIS, NÃO MUSAS

Assim como Ingrid, muitas atletas têm seus nomes apagados para se tornarem apenas musas, como a ginasta Jade Barbosa, a jogadora de vôlei Mari Paraíba e a lutadora de taekwondo Raphaella Galacho. Todas refutaram o título em público, mas basta uma pesquisa rápida para notar que os portais esportivos continuam as tratando como tal.

Musa do taekwondo bate canadense e ganha bronze para o Brasil

[HTTPS://ESPORTES.TERRA.COM.BR/JOGOS-PAN-AMERICANOS/MUSA-DO-TAEKWONDO-BATE-CANADENSE-E-GANHA-BRONZE-PARA-O-BRASIL,0AF-7567F4F3FFF3999F9EAEEC2502C421T8CTRORD.HTML](https://esportes.terra.com.br/jogos-pan-americanos/musa-do-taekwondo-bate-canadense-e-ganha-bronze-para-o-brasil,0af-7567f4f3fff3999f9eaeec2502c421t8ctrord.html)

Jade Barbosa, em recuperação, rejeita rótulo de musa e desabafa: 'Foi o pior ciclo para o Brasil'

[HTTPS://EXTRA.GLOBO.COM/ESPORTE/JADE-BARBOSA-EM-RECUPERACAO-REJEITA-ROTULO-DE-MUSA-DESABAF-FOI-PIOR-CICLO-PARA-BRASIL-15661898.HTML](https://extra.globo.com/esporte/jade-barbosa-em-recuperacao-rejeita-rotulo-de-musa-desabafa-foi-pior-ciclo-para-brasil-15661898.html)

Além da objetificação da mulher, outro grande problema da “musificação” é que essa perspectiva se baseia em um padrão de beleza opressor e exclui mulheres que, segundo a opinião dos jornalistas, não se encaixam nesse padrão. Atletas que não são vistas como “musas” não recebem o mesmo destaque, logo, têm menos visibilidade e mais dificuldade para encontrar patrocínio.

Melhor surfista do Brasil descreve luta por patrocínio: 'Não sou modelinho, sou profissional'

[HTTP://WWW.BBC.COM/PORTUGUESE/NOTICIAS/2016/02/160229_SILVANALIMA_SURF_RS](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/02/160229_silvanalima_surf_rs)

O papel da imprensa é destacar os resultados esportivos das atletas, chamá-las sempre pelos nomes, destacando seus feitos na modalidade, sem apelar para seus atributos físicos ou lhes impor rótulos indesejados.

2 GALERIAS OBSCENAS

São comuns na mídia esportiva galerias que reúnem fotos de mulheres em trajes curtos e poses “sensuais”. O apelo por cliques não se restringe às atletas, mas alcança qualquer mulher relacionada ao mundo esportivo, como bandeirinhas, torcedoras nas arquibancadas e namoradas de atletas homens. As galerias obscenas reforçam a objetificação do corpo da mulher, banalizam a figura feminina e ainda desconsideram o público feminino interessado em consumir notícias sobre esporte.

Veja os cliques mais quentes das musas do esporte

[HTTP://ESPORTES.R7.COM/FUTEBOL/FOTOS/VEJA-OS-CLIQUE-MAIS-QUENTES-DAS-MUSAS-DO-ESPORTE-03022014#/FOTO/1](http://esportes.r7.com/futebol/fotos/veja-os-cliques-mais-quentes-das-musas-do-esporte-03022014#/foto/1)

Outro problema está nas lentes que clicam o esporte feminino. No vôlei de praia e no tênis, em que os trajes são mais curtos, por exemplo, são comuns imagens que expõem atletas de forma sexualizada, seja de partes do corpo ou de movimentos não usuais, como abaixando para pegar uma bola.

Conheça musas do tênis que vão te deixar de queixo caído

O tênis pode não ser um esporte muito famoso entre os brasileiros, mas com certeza, com as belas musas do tênis espalhadas pelo mundo, qualquer marmanjo vai gostar de acompanhar o esporte.

[HTTPS://WWW.TORCEDORES.COM/NOTICIAS/2015/01/CONHECA-MUSAS-TENIS-QUE-VAO-TE-DEIXAR-DE-QUEIXO-CAIDO](https://www.torcedores.com/noticias/2015/01/conheca-musas-tenis-que-va-que-queixo-caido)

A imprensa muitas vezes desconsidera que o gosto por esporte não é exclusividade dos homens, e que esse tipo de conteúdo afasta as mulheres interessadas na modalidade. Vale mencionar que o texto acima foi escrito por uma mulher, o que mostra que esse olhar enviesado de que o homem é o público principal é quase automática.

Matérias sobre os feitos de tenistas homens como Roger Federer e Rafael Nadal são acompanhadas por imagens que passam a ideia de esforço, luta e superação. As reportagens nunca são acompanhadas por fotos da bunda do jogador. Então por que as lentes que clicam o esporte feminino insistem em sexualizar as mulheres?

3 JUÍZO DE VALOR SOBRE OS CORPOS DAS ATLETAS

Outro problema da mídia esportiva tradicional é o julgamento ao corpo das mulheres. Há casos em que os jornalistas, em sua maioria homens, se sentem no direito de emitir juízo de valor sobre a forma física das atletas.

Um dos casos mais polêmico ocorreu no campeonato de tênis de Roland Garros de 2013. A russa Maria Sharapova foi campeã, mas o destaque dado por alguns veículos foi a celulite da tenista. Na época, leitores questionaram o enfoque dado a um aspecto do corpo da atleta, e não ao fato de ela ter conquistado o título de um dos mais tradicionais torneios de tênis do mundo.

Musa de Wimbledon, Maria Sharapova **exibe celulites em foto comprometedora**

Musa do tênis mundial e de Wimbledon, a russa mostrou que é “apenas” de corpo quase impecável. Contra Su-Wei Hsieh, de Taiwan, Sharapova acabou clicada **exibindo um dos piores pesadelos das mulheres: celulites**. E de sobra, nas duas pernas. Ninguém é perfeito.

[HTTPS://EXTRA.GLOBO.COM/ESPORTE/MUSA-DE-WIMBLEDON-MARIA-SHARAPOVA-EXIBE-CELLULITES-EM-FOTO-COMPROMETEDORA-5367338.HTML](https://extra.globo.com/esporte/musa-de-wimbledon-maria-sharapova-exibe-celulites-em-foto-comprometedora-5367338.html)

O lide da matéria, além de julgar descaradamente o corpo da tenista, nem sequer menciona seus feitos dentro de quadra, que deveriam ser o motivo pelo qual ela está na mídia.

Também não é papel da imprensa fiscalizar se as atletas estão emagrecendo ou engordando, ou entrar em questões como “dicas de dieta” ou “segredos de beleza”. Isso ofusca suas conquistas profissionais e reforça o estereótipo de que as mulheres precisam ter como prioridade os cuidados com aparência.

Após problemas com pesos, gêmeas do nado **querem ficar mais gostosas**

[HTTPS://WWW.MEIONORTE.COM/ENTERTENIMENTO/MODA/APOS-PROBLEMAS-COM-PESOS-GEMEAS-DO-NADO-QUEREM-FICAR-MAIS-GOSTOSAS-201575](https://www.meionorte.com/entretenimento/moda/apos-problemas-com-pesos-gemeas-do-nado-querem-ficar-mais-gostosas-201575)

Competições esportivas não são concursos de beleza. O que deve atrair o interesse do público é a capacidade atlética dessas mulheres ou outros motivos pelos quais há interesse noticioso nas atletas, e não seus atributos físicos. O foco deve sempre ser na profissão, desempenho e resultados.

4 SE PROVAR FEMININA

A sociedade impõe padrões de comportamento às mulheres, como determinar que certas atitudes, comportamentos e preferências são “femininas” ou “de mulher”. É a construção social de gênero que persiste em diversos âmbitos e reflete no mundo esportivo. Não é obrigação de nenhuma atleta ser feminina, delicada, vaidosa ou “caprichar no visual”, apesar de alguns veículos tradicionais reforçarem esses estereótipos nocivos que ainda por cima são excludentes com mulheres que não se encaixam no padrão imposto de feminilidade.

No Dia da Mulher, atletas falam sobre vaidade e luta pelo fim do preconceito

Fernanda Garay e Gabi, do vôlei, Bia e Branca Feres, do nado sincronizado, e Isabel Swan, da vela, contam como mesclam a força do esporte e a delicadeza feminina

[HTTP://GLOBOESPORTE.GLOBO.COM/OUTROS-ESPORTES/NOTICIA/2014/03/NO-DIA-DA-MULHER-ATLETAS-FALAM-SOBRE-VAIDADE-E-LUTA-PELO-FIM-DO-
-PRECONCEITO.HTML](http://globoesporte.globo.com/outros-esportes/noticia/2014/03/no-dia-da-mulher-atletas-falam-sobre-vaidade-e-luta-pe-lo-fim-do-preconceito.html)

A matéria reforça o estereótipo de que mulheres devem ser femininas; muitas atletas se submetem a pautas violentas para não serem julgadas como masculinizadas por não se encaixarem nesse padrão.

5 REDUÇÃO AO PAPEL DE ESPOSA

É muito comum vermos matérias que ao falar da mulher, dão um jeito de mencionar que ela é esposa de alguém, quando não há relevância nenhuma abordar isso. Em muitos casos, o próprio feito da atleta é diminuído frente ao seu casamento. Isso acontece principalmente quando elas são casadas com outros esportistas, caso da jogadora da seleção brasileira de vôlei, Jaqueline, tratada meramente como mulher do também jogador Murilo. Mais uma vez, a mídia de um modo geral, esportiva ou não, não deve reduzir o papel da mulher a esposa de ninguém, ainda mais quando o motivo da matéria é contar que a atleta ganhou uma medalha ou bateu algum recorde olímpico ou mundial.

Esposa de Murilo, Jaqueline lamenta corte do atleta das Olimpíadas

[HTTPS://WWW.TERRA.COM.BR/ESPORTES/VOLEI/ESPOSA-DE-MURILO-JAQUELINE-LAMENTA-CORTE-DO-ATLETA-DAS-OLIMPIADAS,25C5145E5407F-
5567634D4EAB1A286A30MRISP21.HTML](https://www.terra.com.br/esportes/volei/esposa-de-murilo-jaqueline-lamenta-corte-do-atleta-das-olimpiadas,25c5145e5407f-5567634d4eab1a286a30mrsp21.html)

E não é só a imprensa nacional que faz esse tipo de abordagem. A atleta Corey Cogdell esteve nas Olimpíadas do Rio representando os EUA e ganhou medalha de Bronze na modalidade de tiro. Após o feito, a imprensa ressaltou o fato de ela ser mulher do jogador de futebol americano Mitch Unrein, como se ser uma atleta ganhadora de uma medalha Olímpica não bastasse.

Corey Cogdell, mulher do jogador Mitch Unrein, ganha bronze no Rio

[HTTP://WWW.CHICAGOTRIBUNE.COM/SPORTS/INTERNATIONAL/CT-BEARS-MITCH-UNREIN-WIFE-WINS-BRONZE-OLYMPICS-20160807-STORY.HTML](http://www.chicagotribune.com/sports/international/ct-bears-mitch-unrein-wife-wins-bronze-olympics-20160807-story.html)

6 MATERNIDADE

É uma prática comum na imprensa esportiva brasileira que o jornalista faça perguntas às atletas sobre como conciliar a maternidade com a carreira. Essa abordagem, geralmente, é direcionada somente às mulheres, como se a criação dos filhos fosse responsabilidade exclusiva delas.

Uma rápida busca no Google sobre “ser pai e atleta” e “ser mãe e atleta” mostra a diferença no tratamento dado pela imprensa. As reportagens sobre homens retratam as dificuldade de ser pai de um atleta, ou de atletas homens falando sobre a emoção com a paternidade ou ainda se esperam que as crianças sigam seus passos no esporte. É difícil encontrar uma pergunta sobre como conciliar a rotina de esportista com a de pai.

Na elite do surfe há sete anos, Miguel Pupo fala sobre a experiência de ser pai

[HTTP://ESPORTE.IG.COM.BR/MAISESPORTES/SURFE/2017-10-20/SURFE-MIGUEL-PUPO-PAI.HTML](http://esporte.ig.com.br/maisesportes/surfe/2017-10-20/surfe-miguel-pupo-pai.html)

No caso das mulheres, o tom é diferente. Além de desestimular as atletas com a hipótese de que a carreira pode acabar devido ao nascimento do filho, a mídia acaba colocando nelas - e somente nelas - a responsabilidade de criar e cuidar das crianças.

Mães atletas se dividem entre treinos e cuidados com os filhos

Elas que chegam cansadas do serviço ainda têm que fazer o jantar, revisar as tarefas da escola e dar conselhos sobre os mais diferentes assuntos

[HTTP://WWW.MT.GOV.BR/4135735-MAES-ATLETAS-SE-DIVIDEM-ENTRE-TREINOS-E-CUIDADOS-COM-OS-FILHOS](http://www.mt.gov.br/4135735-maes-atletas-se-dividem-entre-treinos-e-cuidados-com-os-filhos)

A matéria sequer cita os pais, como se a responsabilidade de cuidar dos filhos fosse exclusiva das mães. E cadê o pai da criança nessa história?

7 ENDOSSO A ATITUDES MACHISTAS

Em um ambiente predominantemente masculino e excludente como o mundo esportivo, atitudes machistas de jogadores, técnicos, dirigentes, clubes, torcedores e federações eventualmente ocorrerão. Muito além de não apoiar essas atitudes, a mídia esportiva deve se posicionar contra elas e, se necessário, fazer críticas para que os leitores, espectadores e demais agentes do mundo esportivo se conscientizem e parem de se sentir à vontade para destilar preconceitos e afastar as mulheres do esporte.

Um caso recente foi a apresentação do novo uniforme do Atlético-MG, no início de 2016. No desfile para mostrar o fardamento à imprensa, as modelos estavam vestindo apenas a camisa do Galo e uma calcinha. A ação rendeu uma série de críticas e manifestos, até por parte da torcida do Atlético, mas um jornalista esportivo renomado gerou polêmica ao dizer que o clube “enfim havia entendido o público-alvo do futebol”, reforçando a premissa de que os fãs do esporte são todos homens e heterossexuais que querem ver mulheres de calcinha. Além de excludente e sexista, essa lógica ainda desconsidera o potencial mercado de mulheres que gostam e querem consumir notícias sobre futebol.

Por mais que a ausência de mulheres no comando das instituições que comandam o esporte abra espaço para o reforço de preconceitos e estereótipos entre cartolas, a imprensa não deve apoiar atitudes que desrespeitem as mulheres. O jornalista deve, sempre que possível, problematizar a atitude e chamar o leitor para a reflexão.

“Juras de amor” entre Marin e Del Nero e dançarinas sexys fecham Paulista

[HTTPS://ESPORTE.UOL.COM.BR/FUTEBOL/CAMPEONATOS/PAULISTA/ULTIMAS-NOTICIAS/2014/04/15/JURAS-DE-AMOR-ENTRE-MARIN-E-DEL-NERO-E-DANCARINAS-SEXY-S-FECHAM-PAULISTA.HTM](https://esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/paulista/ultimas-noticias/2014/04/15/juras-de-amor-entre-marin-e-del-nero-e-dancarinas-sexys-fecham-paulista.htm)

A Federação Paulista de Futebol contratou dançarinas para a festa de premiação do Campeonato Paulista 2014. A matéria classifica essas mulheres como “sexy” e “sensuais” e as coloca como protagonistas sexualizadas da premiação de futebol onde o foco deveriam ser os atletas premiados. As mulheres ganharam destaque por serem meros enfeites da festa.

Em 2014, a auxiliar de arbitragem Fernanda Colombo assinalou um impedimento inexistente contra o Cruzeiro em clássico com o Atlético-MG. Após a partida, a bandeirinha foi duramente criticada pelo ex-diretor de futebol do Cruzeiro, Alexandre Mattos: “Se ela é bonitinha, que vá posar na Playboy. No futebol tem que ser boa de serviço. Ela não tem preparo”, disse Mattos à época.

Mattos detona arbitragem de musa em clássico: “Ela não tem preparo”

[HTTP://GLOBOESPORTE.GLOBO.COM/FUTEBOL/TIMES/CRUZEIRO/NOTICIA/2014/05/MATTOS-DETONA-ARBITRAGEM-DE-MUSA-EM-CLASSICO-ELA-NAO-TEM-PREPARO.HTML](http://globoesporte.globo.com/futebol/times/cruzeiro/noticia/2014/05/mattos-detona-arbitragem-de-musa-em-classico-ela-nao-tem-preparo.html)

A matéria acima chama a bandeirinha de “musa” e, na primeira linha, reforça que Fernanda chama atenção pela beleza e ainda lembra que o “destaque da beleza feminina no futebol não é novidade”, emitindo juízo de valor e reforçando o pensamento de que o maior atributo da auxiliar é sua beleza, sendo que o destaque deveria ser seu trabalho como bandeirinha.

8 PROTAGONISMO MAL COLOCADO

Outra questão bem presente no jornalismo esportivo é quando os jornalistas desconsideram os feitos das mulheres no esporte ao entrevistarem os atletas homens. No tênis, dois casos envolvendo o escocês Andy Murray ficaram famosos. Na Olimpíada do Rio, um jornalista questionou: “Você é a primeira pessoa na história a ganhar duas medalhas de ouro olímpicas no tênis. Uma façanha extraordinária, não?”. O tenista respondeu: “Venus e Serena (Williams) ganharam umas quatro cada uma”.

Murray voltou a repreender um repórter em julho de 2017. Eliminado por Sam Querrey nas quartas de final de Wimbledon, o tenista não deixou passar uma pergunta que desconsiderava os feitos das mulheres tenistas e colocava Querrey como o primeiro jogador dos Estados Unidos a avançar às semifinais. “Jogador masculino”, corrigiu o tenista. Só a norte-americana Serena Williams, por exemplo, somou 14 títulos de Grand Slam desde 2009. Para que o esporte feminino seja valorizado, é preciso que os jornalistas levem as atletas e competições a sério e não menosprezem seus feitos esportivos.

Andy Murray exalta tenistas ao rebater pergunta machista de jornalista

[HTTPS://BRASIL.ELPAIS.COM/BRASIL/2017/07/13/DEPORTES/1499928838_611951.HTML](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/13/deportes/1499928838_611951.html)

Nos dois casos mostrados, precisou o próprio tenista mostrar ao jornalista que ele estava equivocado em sua abordagem, que acabava diminuindo os feitos das tenistas.

BOAS PRÁTICAS PARA O JORNALISMO ESPORTIVO

- Lembrar-se que está falando com uma profissional
- Sempre se referir às atletas pelo nome, sem a imposição de rótulos indesejados
- Não reduzir uma atleta ao papel de “esposa” de alguém
- Contar sobre a trajetória e os feitos da atleta
- Não produzir matérias em que levam atletas a situações “femininas”, como salão de beleza
- Elas não precisam provar que não são masculinizadas
- Lembrar que as atletas mães não são as únicas responsáveis pela criação dos filhos
- Denunciar as discrepâncias em valores de patrocínios pautados exclusivamente na aparência das atletas
- Denunciar o abismo no tratamento
- Dar espaço e visibilidade para reportar as competições femininas, focando sempre no desempenho e resultado, e não em questões da vida privada
- Não endossar atitudes machistas de clubes, atletas, dirigentes ou torcedores
- Fazer uma cobertura consciente que leve os leitores a refletir sobre atitudes machistas e desigualdade de gênero no esporte
- Não menosprezar nem desconsiderar os feitos do esporte feminino

AGRADECIMENTO

GLOBAL **SPORTS**
MENTORING
PROGRAM
AN INITIATIVE OF THE U.S. DEPARTMENT OF STATE



thinkolga.com